Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

REFLEXÃO SOBRE O FILME "O NOME DA ROSA" NA ÓTICA DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO CLÁSSICA

Eliezer José Da Silva
Lucas de Omena Gusmão[1]
Cledson Jatiniel Lima Mendonca

RESUMO

O interesse em analisar o filme "O nome da Rosa" persistiu por curiosidade de como o longa, em seu tempo, encaminhou reflexões e temáticas de maneira que podemos compreender sua problemática e discussão teórica e aplicá-la na contemporaneidade. No contexto estudado, seguimos o itinerário traçado pelo filme à luz do pensamento sociológico clássico. Para vislumbrarmos esse processo, nos apropriamos sutilmente da síntese conceitual de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. A ambiência do filme nos possibilita todo um palco social, mostrando-nos como é possível fazermos um mapeamentos dos "Fatos sociais" que circundam a realidade do monastério mostrado no longa. A codificação do filme mostra-nos os valores tipográficos do homem medieval e sua crise perante o mundo moderno, o que o aproxima dos conceitos éticos de Max Weber. Além das peculiaridades dos personagens, é possível analisar o conflito de classes existentes nas ordens religiosas apresentas pelo filme, tema capaz de ser elucidado pelo marxismo. Iremos discorrer sobre os conceitos de "religião", "moral", "sociedades", "classes", "história" e outros. Além dos conceitos, nos fundamentaremos nos seguintes livros: "A ética protestante e o espírito capitalista" de Weber; "As regras do método sociológico" de Durkheim; e os "Manuscritos econômicos e filosóficos" de Karl Marx. Em síntese, trata-se de uma reflexão airosa e sintética do universo cinematográfico do "O nome da Rosa" e seus embates com conceitos específicos da sociologia clássica.

Palavras chave: Medievo. Classes. Sociedade.

[2]Doutor em educação brasileira. Professor do IFAL.

1. INTRODUÇÃO

> Tendo chegado ao final de minha vida de pecador, meus cabelos agora brancos, preparo-me para deixar aqui meu testemunho dos maravilhosos e dos terríveis eventos que testemunhei na juventude, no final do ano de 1327. Que Deus me conceda sabedoria e graça, para ser um cronista fiel dos acontecimentos ocorridos num remoto mosteiro no obscuro norte da Itália. Um mosteiro cujo nome parece mesmo agora clemente e prudente omitir. (Narrativa inicial do filme O Nome da Rosa)

O filme "O nome da rosa" de Jean-Jacques Annaud[1] foi lançado nos cinemas no ano de 1986. Trata-se de uma adaptação do romance homónimo do escritor italiano Uberto Eco[2]. O filme teve repercussão na área das ciências humanas a ponto de tornar-se referências reflexiva sobre o período medieval. É nessa perspectiva reflexiva que desenvolve-se essa pesquisa, a saber, "Reflexão sobre o filme 'O nome da rosa' na ótica da sociologia clássica". Diante da narrativa do filme somos levados aos seguintes questionamentos: o que é o homem na concepção medieval? O que significa a prática da pobreza evangélica? Qual a importância do mosteiro do filme para o legado cultual ocidental? Qual é a natureza do pecado? O que é superstição? O filme é de fato uma reprodução fiel da idade média? Existe alguma simbologia no filme que dialogue com a contemporaneidade?

Tais problemáticas suscitadas no longa terão os seguintes objetivos: geral, analisar os elementos genéricos da sociabilidade do filme e aproximá-los da sociologia clássica; específicos: apresentar como o conceito de "fatos sociais" de Durkheim manifesta-se na ambiência do filme; analisar a moral católica constatada no filme e contrapô-la com a ética protestante segundo a visão de Max Weber; e por fim, refletir os conflitos de classes existentes no filme conforme o pensamento marxista.

Tendo em vista os questionamentos levantados anteriormente, iremos estabelecer os procedimentos metodológicos dentro de uma sistemática analógica e dialógica: discrição da narrativa do filme; estudo dos "fatos sociais" na obra "Regras do método sociológico" de

[1] Cineasta francês, entre os seus filmes, um que teve grande destaque, não apenas pelas condições cinematográficas, mas políticas, foi "Sete anos no Tibet". Teve sucesso com a "Guerra do fogo" e "amante". Dedicou-se com grande empenho para "O nome da rosa".

[2] Importante filósofo. Foi também um estudioso de semiótica e linguística. No livro "O nome da rosa" é possível ver os detalhes simbólicos que o autor evidencia. Nesse sentido, o livro nos traz detalhes que escapam ao filme. Um exemplo desse estado de coisa é a discrição dos vitrais que cercam a igreja do monastério, exalando luz e cores. No filme o ambiente é quase na sua totalidade cinzento e triste, justificando o jargão moderno de que a idade média é a idade das trevas.

Durkheim; leitura da "Ética protestante e o espírito capitalista" de Weber; problematização do contexto sociológico e religioso segundo a interpretação de Marx nos "Manuscritos econômicos e filosóficos".

Além das obras supracitadas, compreendemos que os labirintos do mosteiro descrito no filme nos faz bafejar uma espécie de decodificação que nos pões no centro transicional da idade média para a idade moderna. Conceitos sociológicos, teológicos e filosóficos, como homem, religião, sociedade, moral e outros, serão perenes nesse trabalho.

Em tese, acreditamos que o reflexo de "O nome da rosa" merece um olhar atento sobre as humanidades. O longa traz problemas universais que granjeiam destaque e investigação, como bem afirmou o filósofo alemão Martin Heidegger: certas temáticas estão para além do tempo e espacialidade, pois são, antes de tudo, um problema de pensamento.

2. MÉTODO SOCIOLÓGICO, FATOS SOCIAIS E O "NOME DA ROSA"

> Mas o que há de tão alarmante no riso? (Pergunta William a Jorge na biblioteca) O riso mata o temor (responde Jorge). E sem temos, não pode haver fé. Porque se não se teme ao demônio não há mais necessidade de Deus. (Aos 115 minutos do filme).

2.1 AMBIÊNCIA E NARRATIVA.

O ambiente do filme desenrola-se em um obscuro mosteiro italiano do século XIV. O monastério tem umas das principais bibliotecas de toda cristandade. O monge franciscano Willian de Baskerville junto com o seu discípulo, o noviço Adso, chegam a cavalo no mosteiro para participarem de uma espécie de conferência sobre a pobreza de Cristo, tema que perpassou diversas ordens religiosas, em especial as medicantes, como franciscanos e dominicanos, durante a baixa idade média. Ocorreu que ao chegar no mosteiro, Willian percebeu algo distinto, a morte recente de um dos monges. Observando a vida ordinária do monastério, Willian recebeu a designação do próprio abade para investigar uma série de assassinatos decorrentes nos domínios do mosteiro. As mortes eram associadas pelos monges mais supersticiosos como eventos ligados ao apocalipse bíblico. O "detetive" franciscano logo percebeu o caráter sintomático das mortes: dedos e línguas roxos, provocada por veneno que encontrava-se nas páginas da "Poética" de Aristóteles, especificamente no livro II que trata da comédia.

É interessante que em um dos momentos do filme discute-se o riso. Um monge afirma que o riso torna os homens semelhantes a um macaco. Daí, Willian

rebate afirmando que o riso é um fenômeno estritamente humanos. Ressaltamos que Segundo Bergson, Filósofo francês, um dos fatores que nos situa na condição humana, é o riso. Segundo o filósofo, antes mesmo de desenvolvermos a razão e compreensão articulada das coisas, temos a capacidade de sorrir. E somos os únicos com tal capacidade. Willian ver no riso um dos motes para nos distinguirmos dos outros animais. Essa tese comprova no filme o perfil aristotélico do monge franciscano, de conceber na hierarquia das coisas, o homem como realidade singular dotada de sociabilidade e racionalidade, superior aos demais entes existentes no mundo. Willian suspeita que o assassino seja um monge chamado Jorge, por conta da sua reação controvérsia aos posicionamentos do franciscano. Nesse itinerário investigativo, usando da lógica formal, Willian desvenda os mistérios que circundam os crimes aproximando-se a cada instante do assassino. Todavia, ocorreu que uma das camponesas que viviam próxima do mosteiro, encantou-se pelo jovem noviço discípulo de Willian e o abordou sexualmente – cena bem expressiva. O noviço apaixonou-se por ela. Além do encontro na salina da noite da camponesa com o noviço, um monge, aparentemente deformado, andava nas sombras das enormes estruturas de pedras do monastério em busca de alimento. O detalhe é que esse monge franciscano pertenceu aos “salvatores”, grupo de hereges que defendiam a imposição da pobreza absoluta em todos os setores sociais. Em seguida, os dominicanos chegaram ao mosteiro para participarem da conferência sobre a pobreza de Cristo e da igreja. Com os eventuais assassinatos, o abade designou ao dominicano e inquisidor Bernardo Gui que investigasse o caso. Bernardo Gui, que encontrava-se sob segurança militar reforçada, surpreendeu a camponesa que relacionou-se com o noviço tentando pegar para si alimentos de um determinado monge. Sem nenhuma investigação, o inquisidor a condenou de bruxaria e a sentenciou a pena de morte. Junto com ela foram sentenciados a morte o monge que a subornava por comida e o monge franciscano que pertencia aos “salvatores”. Numa cena assustadora, erguem as fogueiras para queimarem os condenados. Enquanto a inquisição organizava-se para promover a execução, Willian encontra-se nos labirintos da biblioteca perseguindo o assassino. Em um dado momento da perseguição, o mosteiro é incendiado. Com as chamas ativas, foi possível aos camponeses invadirem o mosteiro e livrar a camponesa da fogueira. No fim, o que resta é o desolamento de um monastério que terminou em chamas.

2.2 MÉTODO SOCIOLÓGICO E FATOS SOCIAIS

Durkheim conceituou a sociologia como sendo "a ciência das instituições, da sua gênese e do seu funcionamento" (DURKHIEM, 2002, p. 6). É do interesse da sociologia toda dinâmica de sociabilidade. Fazendo um deslocamento conceitual do pensamento de Durkheim para o mosteiro de "O nome da rosa" vimos um perfil institucional, a igreja, uma abordagem de gênese, como os princípios doutrinários filosóficos que circunda a vida ordinária dos monges e caráter funcional desenvolvido na dinâmica social da comunidade dos monges.

Em sua obra "Regras do método sociológico", Durkheim desenvolve um sistema de análise social que seja capaz de pensar a sociedade na mais estrita objetividade científica possível. Para tanto, fez-se necessário encontrar um objeto estruturante palpável para problematizar a sociedade, o autor chama esse objeto de "Fatos Sociais":

> Toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou, ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (DURKHIEM, 2002, p. 11).

Os "fatos sociais" são objetos exteriores ao indivíduo, sentimentos e emoções que não partem da interioridade ou do psicologismo humano. Ele é sociológico porque é coerção exterior. No contexto do filme, existe uma dinâmica social fundada nos elementos exteriores institucionais. São as regras doutrinárias que estabelecem os meios para se pensar o coletivo. É notório essa medida coercitiva quando o filme centraliza que o motivo de beneditinos, franciscanos e dominicanos, que são congregações com regras próprias para discutirem a pobreza de Cristo e da igreja, são mecanismos sociais que atingem cada indivíduo sem que esses indivíduos na particularidade, pelo menos se quiserem estarem incluídos socialmente, possam negar no âmbito do coletivo a pertinência do debate.

Esse mecanismo fica claro também na relação que existe ente o mestre e o discípulo, no caso Willian e o noviço. São medidas coercitivas externas que vinculam-se a vida de ambos por meio do regimento da ordem que pertencem. Outro elemento do filme que ilustra esse estado de coisa, é a condenação dos "hereges", onde nossas ações coletivas são impressas nas leis e normas estabelecidas.

> O fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença

> deste poder é reconhecível, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda a violentá-lo" (DURKHIEM, 2002, p. 12).

Com o caráter científico das ciências sociais e a clarificação dos objetos por meios dos "fatos sociais" é possível aplicarmos uma metodologia que seja capaz de compreender muitos dos nossos comportamentos coletivos. Mesmo o filme mostrando em sua mais profunda obscuridade, como o clima frio do monastério, a neblina, os corredores escuros, os monges com a feição pálida, a sexualidade reprimida e as bizarras imagens dos assassinatos, como a do monge mergulhado no sangue do porco, percebemos que essa suposta emanação individual de cada personagem é na verdade oriunda de uma série de normas estabelecidas pelo labor religioso e a prática disciplinar do espírito religioso.

A aplicabilidade do método sociológico proposto por Durkheim ver problemáticas sociológicas no filme que não veríamos sem essa objetividade, comumente, ao vermos o filme, somos guiados mais pelas emoções do que pela razão. Nos surpreendemos com a emblemática cena de sexo e pouco nos detemos na vida cotidiana do monastério. Depois dessa breve reflexão, constatamos que o mosteiro pode ser um objeto palpável de análise, nesse sentido, a reflexão do coletivo moral estabelecido pelos preceitos religiosos nos levam a problemática da transição, de mudança de postura. Veremos, citando Weber, como a moral da reformar mudou significativamente a nossa forma de conceber a produção social.

3. O MOSTEIRO, A IDADE MÉDIA; AS CHAMAS, A IDADE MODERNA.

> Um autor que intitulou seu livro O Nome da Rosa deve estar disposto a enfrentar muitas interpretações de seu título. Enquanto autor empírico, escrevi que escolhi esse título com a finalidade de deixar o leitor livre: "A rosa é uma imagem tão rica de significados que, a esta altura, não tem significado algum [...] Provavelmente eu quis abrir tanto o leque de leituras possíveis, de modo a tomar cada uma delas relevante, que por isso produzi uma série inexorável de interpretações. Mas o texto está aí, e o autor empírico deve permanecer em silêncio. (ECO, 2001, p.193)

3.1 A MORAL PROTESTANTE E O ESPÍRITO CAPITALISTA: O INCÊNDIO DO MONASTÉRIO E UMA NOVA MORAL PARA O MUNDO.

Max Weber, na sua célebre obra "A ética protestante e o espírito capitalista", mostra-nos o impacto da reforma protestante na cultura ocidental. Segundo o autor, esse impacto é visível na incidência

ética inaugurada na reforma protestante: justificativa de um modo de produção capaz de gerar excedente, e consequentemente, concentração de capital.

Esse princípio protestante rompe a moral católica. É possível transitar em uma economia produtiva e de acúmulo de capital sem sofrer as represálias doutrinárias. Não é mais pecado obter lucro. Na lógica de Weber, todo mecanismo produtivo, pelo menos do medievo até a idade moderna, vinculam-se a elementos teológicos e filosóficos. O mundo medieval é um reflexo da doutrina católica. O catolicismo imprime na vida das pessoas o modo operante da cultura e suas relações sociais. Dessa forma, os preceitos católicos, sustentados em uma sistema teórico, não restringe-se a vida eclesiástica, mas em toda dinâmica social, influenciando diretamente na vida dos indivíduos.

No filme, como foi dito anteriormente, subjaz em torno do desolado mosteiro uma discussão de cunho teórico, a pobreza de Cristo e da igreja. A igreja surgiu das ruínas do império romano, transportando uma série de valores políticos e sociais para sua organização interna e externa. Nesse sentido, romper com o caráter monárquico, centralizado na imagem do papa, assumindo a pobreza, não apenas como atitude espiritual, mas como princípio doutrinário oficial, é uma mudança nas bases da sociedade, um novo status institucional. O poder papal e sua expansão aos nobres desenvolvem-se em um tipo de moral que não abdica necessariamente dos valores que constituíram o cristianismo enquanto religião e doutrina filosófica. É dado por Deus o direito de governar. O pertencimentos do poder nas mãos de determinadas classes, como o clero e os diversos títulos da hierarquia nobre estão ligados a uma espécie de ontologia[3]. É da natureza do clero e da nobreza viverem com vivem, da mesma forma que é da natureza do servo ser servo. Esse preceito da ontologia nos remete a “Política” de Aristóteles, onde o mesmo interesse do senhor é o interesse do escravo: o do senhor, porque lhe foi concedido pela natureza o direito do mando; e o escravo, porque lhe foi concedido o direito natural de obedecer.

O mosteiro representa o pensamento católico medieval. É uma alusão que o filme faz a idade média. Nessa alusão, o conservadorismo doutrinário reveste-se da moral católica: condenação do lucro e da usura; necessidade da graça para a salvação; salvação das almas por meio dos sacramentos; recebimentos das

[3] Parte da filosofia que ocupa-se com os elementos gerais do ser.

indulgências; e a observância do culto em conformidade com o calendário litúrgico. Esses elementos circundam todo o filme: a oração dos monges, visível no canto gregoriano entoado na oração da manhã (chamada pelo ofício divino de laudes); o trabalho ordinário do monastérios e suas respectivas funções entre os monges, percebe-se que o trabalho não visa o lucro, mas a manutenção do mosteiro e os recursos necessários para a sobrevivência da cada indivíduo do grupo. O mosteiro reflete na vida urbana e algumas das suas características são reproduzidas, como a acumulação acentuada de bens.

Com a reforma protestante e a implementação do estado moderno, essa moral católica entrou em declínio dando margem a uma nova forma de ver a realidade. A salvação passou a relacionar-se ao trabalho. Segundo a moral protestante, o trabalho dignifica o ser humano diante de Deus, livrando-o do pecado. A consequência desse estado de coisa é o direito ao acúmulo. O acúmulo deixa de ser pecado por justificar-se no esforço do indivíduo em consonância com o trabalho. O trabalho deixar o indivíduo em harmonia consigo e com o outro, não possibilitando condições temporais e espaciais para distanciar-se da graça concedida por Deus. A prática do trabalho, plasmada no capital, e uma suposta ética profissional derivada da moral protestante é o cerne da problemática de Weber:

> A avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional [trabalho profissional], como o mais alto instrumento de ascese, e, ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação de redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida, que aqui apontamos como espírito do capitalismo (WEBER, 1967, p.123)

Essa dualidade trabalho e moral desenvolve-se em toda ética protestante. Todo indivíduo deve rejeitar o que é secundário em nome da fé, da vida concentrada nos preceitos da doutrina religiosa. Assim, não existe espaço para o que é considerado trivial e pecaminoso. Para não desagradar a Deus e cair nos prazeres da “carne”, deve-se trabalhar. O trabalho purifica a alma humana. O impacto dessa prática é a geração de lucro, o passo inicial para inaugural o estado moderno e, consequentemente, o capitalismo.

Nessa acepção, temos na reforma protestante um dos elementos cruciais para o surgimento do estado moderno. No mosteiro do filme é possível perceber um outro elemento fundamental do estado moderno: o método científico. Willian usa de instrumentos e raciocínio indutivo,

observando as partes e os detalhes de cada assassinato, para justificar suas teses. Willian é um protótipo do método científico e o mosteiro um protótipo do pensamento dogmático. Enquanto um busca explicações calcadas na experimentação e observação dos fatos, calculado e substancialmente ligado a provas, o outros, buscam suas teses em justificativas supersticiosas. Por fim, as chamas do mosteiro representam o declínio da idade média.

É nesse declínio dos valores medievais que Weber identifica o ressurgimento da modernidade. E um dos produtos mais significativos da idade moderna chama-se capitalismo. Quando pensamento no monastério medieval, temos um trabalho sem acúmulo e uma comunidade que trabalha apenas manter-se no que é necessário. E do declínio dessa moral, tendo a ciência moderna como mote necessário, representada por Willian, a ideia do trabalho como uma finalidade totalizante. Esse deslocamento das concepções de trabalho é unificado, segundo Weber, como necessidade existencial humana e coligação do humano com a vontade divina.

> De cada um considerar-se escolhido (...) A exortação é aqui interpretada como um dever de obter certeza da própria dedicação e justificação na luta diária pela vida (...). Por outro lado, a fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada como o meio mais adequado (WEBER, 1967, p. 77)

Percebemos em Weber que todo dinamismo humano, bem como suas práticas de sociabilidade, são ligadas diretamente com preceitos e determinações vindos da cultura. A cultura imprime no indivíduo um modo de ser, comportamento no qual ele é moldado sem necessariamente perceber-se nesse processo. Esse dinamismo fica claro no “O nome da rosa” quando vislumbramos o conflito cultural de dois mundos e como esses indivíduos assumem para si tais concepções, que de uma lado liga-se ao tradicionalismo e ao outro, paulatinamente, liga-se o surgimento de uma nova cultura, de uma ética, que nas linhas de Weber é ‘Ética protestante e o espírito capitalista”.

4. A SOCIABILIDADE DO MONASTÉRIO À LUZ DO PENSAMENTO MARXISTA

> Por aquilo que destes na Terra, receberás cem vezes mais no céu. (Diálogo entre os monges cobradores de impostos aos camponeses pobres contribuintes, no 17º minuto do filme)

4.1 OS “MANUSCRITOS ECONÔMICOS E FILOSÓFICOS” DE KARL MARX.

Os “Manuscritos” é uma obra póstuma de Marx. Foi escrito pelo filósofo

na sua juventude, em meados de 1844. O cerne da obra concentra-se nos esforços do jovem Marx de analisar filosoficamente as propostas econômicas emergentes em sua época, a saber, as concepções de David Ricardo e Adam Smith. Marx analisa o processo capitalista como uma máquina de exploração da classe trabalhadora.

Para tanto, ele discorre sobre o grande abismo que existe entre questões morais e questões econômicas. Sendo o capital o fim último da economia e da realidade da vida, os meios produção provocado pelo capital, servem para estabelecer uma lógica de classes onde o trabalhador tem sua vida plena interpelada e ligada ao próprio processo de produção, do subsistente necessário e manutenção das forças produtivas vitais. Nos "Manuscritos" temos uma antecipação do que seria o ponto máximo da filosofia de Marx, como por exemplo: concepções de trabalho, mais-valor, produção, alienação e tantos outros conceitos basilares do pensamento do escritor alemão. Todavia, o ponto fundamental dos "Manuscritos" é sua primeira grande crítica aos sistemas hegeliano, não admitindo nenhuma tipo de idealismo para pensar o mundo, inclusive torna-se militante com o intuito de ver na revolução dos meios de produção, a implementação definitiva e universal do comunismo, tendo como consequência unânime, o fim absoluto da propriedade privada.

Esse modo ver a realidade nos joga diante de uma trocadilha que perpassa uma série de problemas ligado ao próprio fenômeno de perceber-se no mundo enquanto tal. Daí, esse problema detectado pelo filósofo alemão nos liga a proposta inicial dessa pesquisa, a saber, os problemas consoantes a liberdade e individualidade humana. O ponto máximo dessa obra de Marx é superação do idealismo por meio da dialética materialista.

4.2 O MOSTEIRO DO "O NOME DA ROSA"

Iremos nos apropriar do pensamento de Marx para analisar a ambiência sociológica do mosteiro do filme. Ressaltamos que a visão aqui exposta sobre à igreja medieval orienta-se à luz do pensamento marxista, não significando necessariamente nossa visão sobre o período medieval e a atuação social e acadêmica da igreja católica no medievo. Também não é nossa intensão reduzir o pensamento de Marx às contendas do emblemático mosteiro. Nesse sentido, iremos nos apropriar brevemente de elementos sintéticos da teoria marxista para analisar o caráter problemático levantado pelo filme.

Anteriormente apontamos que uma das questões fundamentais do filme tratava-se sobre a pobreza de Cristo e da igreja. O frei William, isso fica mais claro no livro, defende que o que degenerou a igreja foi a locupletação demasiada, afastando-a dos seus princípios constitutivos primários, a saber, a prática da pobreza promovida pelas primeiras comunidades cristãs. Essa atitude colocou a igreja católica a serviço dos ricos, especificamente da nobreza corrupta. Já os pobres, eram explorados e excluídos das riquezas materiais acumulada pelos ricos. Esse é o princípio originários das concepções de classes ligadas ao pensamento de Marx.

O posicionamento da igreja diante dos hereges, exemplificado no filme na figura da camponesa e os dois monges condenados pela inquisição, especificamente o monge ligado aos salvatores, é, na ótica marxista, a camuflagem da luta de classes. O que justifica a filosofia da história de Marx em colocar toda história humana como um conflito constante de classes, uma guerra de classes. Não são os elementos religiosos provocados por entes adversos a doutrina católica que geram posicionamentos degenerados, mas sim questões políticas e econômicas. Os franciscanos que defendiam a pobreza da igreja e a mesma como imposição, representam à resistência das classes subalternas contra os impostores eclesiásticos. Os pobres que bradam contra os privilégios dos ricos. Surge nesse contexto, a necessidade de utopias. E talvez a grande utopia do “O nome da rosa” seja o mundo moderno, sua ciência, sua ética, sua liberdade e todo seu dinamismo em torno da libertação do homem das “trevas” que pairaram sobre o medievo. Esse movimento dialético expresso na filosofia da história de Marx e como reflexão sobre o filme, nos aproxima significativamente da teologia da libertação[4].

O cristianismo autêntico orienta o povo na sua revolta, assume sua bandeira em prol dos explorados e marginalizados, como os camponeses do filme. Essa conclamação de justiça que emerge do pobre sofredor é a própria voz de Deus falando aos homens. O Willian (mais no livro do que no filme) representa essa nova forma de ver a prática cristã.

O mosteiro representa o dogmatismo de ideias, obscuro e tenebroso. A biblioteca representa à luz do conhecimento, porém, é ofuscada pelos que dominam o monastérios. Os líderes

[4] É um campo da teologia cristão que teve sua origem na América Latina (no campo prático). O movimento surgiu depois do concílio do Vaticano II. Para os teólogos da libertação a mensagem de Jesus Cristo consiste na opção preferencial pelos pobres. Para que essa teologia seja efetuada, faz-se necessário uma unificação entre teologia e ciências humanas.

beneditinos representam os ricos. Os camponeses fora do mosteiro são os protótipos da pobreza. Nesse dinamismo é possível visualizar no filme uma clara e evidente luta de classes. Uma sociedade que explora outra por meio do trabalho, o que é comprovado nos tributos que os camponeses doavam aos monges coletores. Essa desenvolta estrutura nos leva a um outro conceito marxista, o conceito de alienação. O indivíduo alienado é aquele que não é capaz de enxergar a exploração do homem pelo homem por está imerso em uma série de rudimentos simbólicos que não lhe permite ver a realidade na sua inteireza. Nesse sentido, o que mantém a alienação no mosteiro são os princípios doutrinário católicos, como a concepção de "parúsia", que Cristo virá nos libertar das amarras desse mundo. Essa visão conformista da "parúsia" mostra-nos um cristianismo alheio a verdade efetiva das coisas, como a realidade social circundante.

Acreditamos que existem algumas questões a serem revistas nessas temáticas que envolvem religião, política e economia. Grosso modo, essas são centelhas de análises que nos mostra um pouco o impacto dessa obra prima que é "O nome da rosa".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fé e razão; virtude e pecado; ciência e superstição; pobreza e riqueza; homem e santidade; religião e filosofia. Essa constante dualidade tão notória no filme "O nome da rosa" nos desloca para um ambiente obscuro de um remoto mosteiro medieval. Cada personagem traz consigo uma problemática humana que ecoa nos labirintos rústicos desse tenebroso monastérios.

De um lado, o pecado: morte e sexo; do outro, santidade e superstição: ação demoníaca e oração. No equilíbrio de tais dissonâncias, a ciência e a lógica. Os assassinatos do mosteiro são motivações de uma mente que sente-se incomodada com às práticas modernas, o que representa na visão de Umberto Eco o mundo medieval e sua ortodoxia.

As investigações do frei Willian trata-se da instauração do mundo moderno e sua conclamação científica e matemática. Existe um leque de interpretações desse vibrátil longa-metragem.

Nessa perspectiva hermenêutica, de analisar o filme na tripartida sociológica clássica: "Fatos sociais" em Durkheim, "Moral" em Weber e "Classes sociais" em Marx, nos fez perceber o caráter problemático do filme. Não trata-se de uma mera reprodução do mundo medieval, mas

de uma espécie de dança “dionisíaca” da contemporaneidade. Nos labirintos do filmes estão presentes as especulações que assombram o homem moderno.

Em síntese, essa breve pesquisa teve como intuito ascender uma centelha de reflexão sobre “O nome da rosa” na ótica sociológica, dando-nos uma sutil reflexão do quanto podemos explorar no filme e, consequentemente, nos convidar a uma leitura mais completa da sociologia clássica.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras primárias:

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** 17. ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1967.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos:** terceiro manuscrito. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Ed. Abril, 1974. (Coleção Os Pensadores).

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa. Rio de Janeiro**. Nova Fronteira , 1983.

Obras secundárias:

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FILHO, Rubens Edwald. **Dicionário de Cineastas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTOTELES, **Ética a Nicômaco**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2001..